

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

A SOMBRA DA MELANCOLIA: EXPLORANDO O CONTO “UM DIA A MENOS” DE CLARICE LISPECTOR

**Caroline Santos Dias, Livia Lemes e Silva, Marcela Braga Fernandes, Mariana
Silva Oliveira, Lauro Take Tomo Veloso.**

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911,
Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, carolinedias317@gmail.com,
lemeslivia289@gmail.com, marcela.bfernandess@gmail.com, mariana-silva-oliveira@hotmail.com,
lauro.taketomo@univap.br.

Resumo

O presente artigo pretende discorrer a respeito da melancolia de um ponto de vista psicanalítico e construir uma relação com a literatura, ao fazer uma análise da personagem Margarida, protagonista do conto “Um dia a menos” da autora Clarice Lispector, a procura de traços melancólicos. Adotando como base os textos Freudianos, buscou-se conceituar essa condição psíquica existente desde a Antiguidade, retratadas em obras artísticas e escrituras religiosas. Concluiu-se que as percepções teóricas do passado influenciaram diretamente o pensamento moderno acerca da melancolia, inspirando escritores na construção de seus contos e personagens.

Palavras-chave: Literatura. Melancolia. Psicanálise. Psicologia.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia.

Introdução

O sofrimento melancólico é objeto de estudos e indagações desde a Idade Antiga, época na qual surgem os primeiros escritos que tentaram explicar essa condição. Já no século XX, a ascensão da Psiquiatria e da Psicanálise firma caminhos distintos para o entendimento da melancolia, a primeira pela via biológica e a segunda pela compreensão a partir dos fenômenos inconscientes e da história de vida do sujeito. Freud (2016) descreve a circunstância melancólica como decorrência de uma perda que escapa dos limites da consciência, trazendo implicações profundas às relações interpessoais e ao funcionamento psíquico do indivíduo acometido.

Segundo Rossi (2009), a arte tem a habilidade de transformar elementos da imaginação e da fantasia em conteúdos tangíveis aos sentidos, adquirindo certa concretude. A partir disso, o que antes era apenas subjetivo torna-se compartilhável e sensível para outras pessoas, de maneira que ocorre a produção de uma rede de significados que envolve a humanidade. Dessa forma, as obras artísticas permitem a experimentação de sensações e vivências capazes de promover conhecimento e empatia por realidades diferentes da individual. Nessa lógica, a literatura, portadora do viés artístico por meio das palavras, pode propiciar o diálogo entre o mundo interno daquele que lê e as diversas expressões de existências registradas em uma produção literária.

Considerada um dos maiores expoentes do pós-modernismo no Brasil, Clarice Lispector traduziu em suas obras o movimento entre a cotidianidade e o estranhamento, além de criar um retrato único da vulnerabilidade na experiência humana, destacando conflitos internos de suas personagens. Assim como afirma Côrtes (2021): “A autora reflete na sua escrita nossa incapacidade de lidar com a existência, com as relações e as convenções, expõem a fragilidade humana que é performaticamente desdobrada nas sensações que sua leitura provoca” (p.74).

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a discorrer sobre a melancolia e seu histórico, adotando a Psicanálise como campo teórico, e a promover um diálogo com a literatura, exemplificando traços do sujeito melancólico a partir de características da protagonista do conto “Um dia a menos” de Clarice Lispector.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Metodologia

Realizou-se uma revisão bibliográfica a respeito do percurso histórico da melancolia, bem como do referencial teórico sobre o tema no campo da Psicanálise. Segundo Severino (2007), um levantamento bibliográfico é o estudo realizado a partir de pesquisas anteriores já registradas e documentadas, seja em livros, artigos, dissertações etc. Para tal, foram consultados livros e publicações científicas. Utilizou-se a literatura como ferramenta ilustrativa da temática, por meio da seleção de um conto de Clarice Lispector, articulando o conhecimento teórico aos aspectos literários encontrados na obra.

Resultados e Discussão

O sofrimento melancólico: uma breve contextualização histórica

A melancolia está presente na história desde a Antiguidade, retratada nas obras artísticas da época. Suas origens remontam ao Oriente Médio e à Grécia Antiga, onde é representada na literatura. Sua existência precede as teorias psicanalíticas e os estudos psiquiátricos, que só surgiram séculos depois. Antes do nascimento da era moderna, o primeiro teórico que buscou conceituar a melancolia foi o médico grego Hipócrates, em seu tratado "*Corpus Hipocraticus*", onde retrata essa condição existencial como uma doença, resumindo-se a um estado de tristeza profunda e medo puro que tomava conta do indivíduo. Deu origem à teoria dos humores, que diz que o corpo humano é possuidor de quatro substâncias: sangue, bÍlis amarela, bÍlis negra e linfa. A predominância da bÍlis negra produziria o humor melancólico. Aristóteles também traz a melancolia com tema em um de seus tratados, a "*Problemata XXX*", no qual faz uma relação entre a loucura e a genialidade. Para ele, haveria um tipo natural de melancolia, que devido a concentração da bÍlis negra, tornaria o melancólico genial. Em oposição ao pensamento de Hipócrates, os adeptos da corrente aristotélica articulavam a melancolia como condição de erudição, genialidade e dotes artísticos. O melancólico seria excelente por natureza e não considerado portador de uma patologia. Estabelece-se assim, uma conexão com a criação e a melancolia passa a ser associada a poetas e filósofos, "o homem triste é também um homem profundo" (TEIXEIRA, 2005, p.44). As duas concepções divergentes, a hipocrática e a aristotélica, influenciaram profundamente o pensamento moderno e serviram como base para a noção atual acerca da melancolia.

A partir do século XVII, uma nova corrente surge para explicar as doenças psíquicas: a medicina mental, que depois de diversas transformações, origina a psiquiatria. Com uma visão unicamente biológica das patologias, semelhante à demonstrada pela teoria de Hipócrates, dá continuidade ao pensamento de dicotomia entre corpo e mente vigente na época. Ao longo do desenvolvimento da psiquiatria, o conceito de melancolia passa a ser lentamente substituído pela depressão. Alguns teóricos, como Jean-Étienne Esquirol, defendiam que o uso do termo melancolia deveria se ater às artes e aos artistas, enquanto o termo depressão deveria ser exclusivamente usado pela medicina. A neurociência exerceu um importante papel na constituição do campo psiquiátrico, sendo a principal fornecedora dos instrumentos teóricos e técnicos que reforçam as teses científicas propostas pela psiquiatria. Atualmente, após inúmeras contribuições de pesquisadores, a depressão continua a predominar na psiquiatria e a melancolia aparece como uma subclasse dentro dessa patologia, a de distúrbios de humor.

Nos dias atuais, a psiquiatria compreende a melancolia como um subtópico da depressão, passível de ser entendida como uma disfunção neuroquímica tratável com o uso de psicofármacos. Nesse aspecto, esse estado psíquico é enxergado como uma indisposição, uma patologia que deve ser suprimida e eliminada. Os estudos psiquiátricos não buscam encontrar o que originou a melancolia no sujeito, e sim os modos possíveis de eliminá-la, sendo considerada inteiramente nociva para o organismo.

Paralelo ao surgimento da visão psiquiátrica, nasce outro enfoque a respeito do sofrimento melancólico no século XX: o olhar psicanalítico. O conceito da melancolia foi discutido por Freud principalmente em sua obra "Luto e melancolia" de 1917. O pai da psicanálise desloca a origem do sofrimento melancólico de razões biológicas, como as elencadas pela psiquiatria, atribuindo a importância da história de vida do sujeito para a constituição de suas dores. Em especial, a melancolia estaria relacionada diretamente às experiências de perda, seja o objeto real ou ideal, e diferencia-se do luto por ligar-se a uma falta que está fora de alcance para a consciência. Como consequência disso,

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

o melancólico carrega consigo uma autoestima rebaixada e um Eu empobrecido. Além disso, Freud (2016) reitera que a condição melancólica não aparece de uma maneira única em todos os indivíduos, de modo que pode assumir diversas formas clínicas, isto é, cada caso carrega sua singularidade.

Assim como a melancolia acabou se tornando uma patologia predominante no século XIX, a depressão por ora tornou-se a expressão do mal-estar psíquico atualmente. O ser enclausurado no sofrimento melancólico apresenta uma apatia, indiferença, a falta de vontade de tudo e, especialmente, uma anestesia sexual (BAPTISTA, 2014). Em contrapartida, o sujeito acometido pela depressão tem o seu mundo esvaziado de sentido, aproximando-se da neurose de angústia, e marcado pelo sentimento de tristeza (MENDES; VIANA; BARA, 2014). Enquanto na melancolia não há vergonha na expressão das autoacusações, o sujeito depressivo, por sua vez, sente um acanhamento na exposição de suas dores. Na depressão a perda é de uma imagem de si, da ordem de um ideal de Eu, enquanto na melancolia perde-se o próprio Eu, em sua relação de identificação com o objeto perdido.

Na sociedade contemporânea, a ascensão do individualismo, do imperativo de produtividade e a criação de necessidades de consumo instauraram condições que alimentam o aumento na incidência de depressão na atualidade, uma vez que os sujeitos inseridos nesse sistema não encontram meios de aprender a lidar e a elaborar suas experiências de perda. Por isso, torna-se de extrema relevância o estudo e a discussão das condições que apresentam esse retraimento do humor e da vitalidade, como a melancolia e a depressão. É a partir do encontro com essas realidades que se torna possível uma compreensão empática dessas vivências tão presentes no contexto hodierno.

A Melancolia sob o olhar psicanalítico

Em “Luto e Melancolia”, Freud situa a melancolia como o estado decorrente de uma perda que, ao contrário do processo do luto, escapa da consciência. Segundo o autor, isso ocorre devido à falta de simbolização do objeto perdido, o que, muitas vezes, torna difícil o discernimento da origem do sofrimento. A falta de representação para o objeto que se perdeu provoca uma lacuna no Eu melancólico, pelo qual a libido objetual se esvai (FREUD, 1996). Nesse sentido, o Eu torna-se empobrecido e portador de um vazio inominável.

Ademais, a disposição melancólica institui um conflito de sentimentos em relação ao objeto perdido, no qual amor e ódio coexistem e se alternam. Deste modo: “Portanto, na melancolia, trama-se um sem-número de batalhas isoladas pelo objeto, nas quais ódio e amor se enfrentam: um, para desligar a libido do objeto, o outro, para defender essa posição da libido contra o ataque”. (FREUD, 2016, p.114)

Como desfecho desse confronto, a libido, antes em dinâmica na relação objetual, realiza o caminho de volta para o Eu. Há uma perda de interesse no mundo externo e um recolhimento em si. O investimento no objeto perdido, por sua vez, passa a ser substituído por uma identificação com este na ordem do inconsciente, como afirma Freud (2016), “a sombra do objeto recai sobre o Eu” (p.107). Dessa forma, o Eu passa a relacionar-se consigo mesmo da maneira que trataria o objeto, como uma tentativa de repreensão pela perda, que adquire o formato de autocríticas e autojulgamento. Por esse motivo, Freud classificou a melancolia como uma neurose narcísica, na qual o conflito prevalente é entre o Eu e o Supereu. Pressupõe-se que para a constituição do sujeito narcisista, ocorra uma falha narcísica proveniente da relação mãe-bebê, seja por uma carência ou ineficiência da figura materna ou alguma perturbação sensorial do próprio recém-nascido e que resulta em um desenvolvimento insatisfatório. Portanto, a melancolia enquanto patologia só ocorre em algumas condições, são elas: uma insuficiência na relação entre mãe e bebê; o predomínio da escolha narcísica, e conseqüentemente o investimento no próprio eu como objeto amoroso; a identificação com o objeto perdido e destruição desse objeto pelo Supereu.

A insatisfação moral com o próprio Eu, o auto rebaixamento e os autoinsultos culminam em um sentimento de culpa, falta de sentido e desânimo profundo, movidos pela pulsão de morte. Além disso, conforme Mendes, Viana e Bara (2014), a identificação do Eu com o objeto perdido pode gerar uma confusão na qual o sadismo em relação ao objeto, motivado pelos sentimentos ambíguos de amor e ódio, reflete-se em atos de autodestruição e possivelmente no suicídio.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Os traços do sujeito melancólico ilustrados em Margarida de “Um dia a menos”

O conto “Um dia a menos” foi um dos últimos contos produzidos por Clarice Lispector. Escrita em 1977, a obra está presente na coletânea intitulada “A bela e a fera”, publicada postumamente, em 1979.

O enredo discorre sobre a história de Margarida Flores, que, aos 30 anos, vive sozinha na casa dos falecidos pais e possui como único apoio sua empregada, Augusta. Margarida, imersa na rotina do lar, é apegada aos horários e afazeres domésticos de maneira que se mantém isolada do convívio no mundo externo, uma vez que é sustentada pela pensão deixada pelos pais e, por isso, não possui outra ocupação fora de casa. Em meio a sua solidão, ela fantasia a respeito de possíveis telefonemas e relações amorosas que parecem estar além de seu alcance e encontra-se sempre na expectativa de realizar a próxima atividade para se distrair e fazer o tempo passar, para assim finalizar mais um longo dia. Esse cenário de reclusão e falta de investimentos exteriores se assemelha com o contexto de recolhimento em si vivenciado pelo sujeito inserido na melancolia, visto que o investimento objetal se encontra reduzido em razão do retorno da libido na direção do Eu. Isso culmina na diminuição do interesse pelo mundo exterior e, portanto, em um isolamento.

Além disso, a abstração da protagonista nos fenômenos do dia a dia parece repelir as reflexões a respeito de si e de sua vida, como uma tentativa de anular-se e alienar-se de sua realidade e seus sentimentos, assim como no trecho:

Quanto a ela mesma, ela se guiava pelo fato de não ser casada, de ter a mesma empregada desde que nascera, de ser uma mulher de trinta anos de idade, pouco batom, roupa pálida...e que mais? Evitou depressa “o que mais” pois a essa pergunta cairia num sentimento muito egoísta e ingrato: sentir-se-ia só, o que era pecado porque quem tem Deus nunca está só. (LISPECTOR, 1977, p. 85).

A negligência direcionada a si mesma é demonstrada quando Margarida relata raramente se olhar no espelho e usar constantemente roupas velhas. Associado a forma como fala de si mesma, é possível que haja um eu empobrecido, alvo do desdém que deveria ser voltada a um objeto. Além disso, a personagem faz constantes comentários autodepreciativos sobre sua própria aparência e demonstra uma preocupação excessiva com sua alimentação, juntamente com um sentimento de culpa por comer: “[...] descreve seu café da manhã, seu almoço e seu jantar. É como se o dia girasse em torno de suas refeições”. No sujeito melancólico, falas autodepreciativas e culpabilidade são comportamentos característicos desta condição. No entanto, os autoinsultos e o alto rebaixamento não parecem ser o principal foco da protagonista aqui, assim como é retratado em um dos trechos: “[...] nem pensava se era bonita ou feia. Ela era óbvia.”

Ademais, destaca-se no conto a forma como Margarida se relaciona diariamente com a solidão e o esgotamento psíquico, atravessados pela repetibilidade de seus dias. O tempo parece se arrastar para a protagonista, que conta as horas para seu fim. “Será que uma vez os tão longos dias terminem?”, questiona ela ao acordar, demonstrando certa falta de interesse pela sua própria rotina. Pequenas mudanças do dia a dia, como a diferença no cardápio de suas refeições e notícias variadas vindas de um periódico que ela encontra na porta de sua casa, trazem uma excitação e um almejo pelo novo. Contudo, os dias permanecem os mesmos, chegando ao fim e recomeçando sem maiores surpresas.

Diante disso, a personagem parece enfrentar um profundo desânimo e o acúmulo de uma tensão que não encontra satisfação o que remete a uma possível pulsão de morte, ou seja, a presença de um prazer ligado à diminuição da excitação como uma tentativa do aparelho psíquico de reduzir seu estado de tensão retornando a seu estado de inércia, representativo da satisfação. Assim como Freud (2010) definiu em “Além do Princípio do Prazer”, os esforços para a liberação da tensão ocorrem como uma tentativa de restaurar um estado inanimado do ser, nesse caso, a morte. Essa dor psíquica, que tende a ser evitada pelo sujeito, também se manifesta na dor de existir.

No conto, o desejo e a pressa para o fim do dia parecem se mesclar com o desejo pelo fim de sua própria vida. Fazendo constantes alusões à morte, a protagonista expressa sua vontade de morrer em suas falas, como: “[...] aliás, por mero acaso, não era muitas coisas. E por mero acaso havia nascido”, mais uma vez denunciando o desprezo que têm consigo.

Logo, a perda da mãe possivelmente desencadeou o sofrimento de tons melancólicos na personagem, que não reflete diretamente sobre essa falta, mas que incorpora aspectos da figura materna em si. Isso pode estar visível nas constantes lembranças e usos de objetos relacionados à falecida. Resta, também, o vislumbre do não vivido, que recai como uma perda das possibilidades de

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

relações objetivas provedoras de gozo e afeto, sendo, portanto, necessárias à vida. Ademais, ao final, na tentativa de “ter um sono tranquilo e acordar rosada” como a mãe, ela usa as pílulas de sua progenitora e finalmente enxerga a si mesma, como se durante todo esse tempo ela estivesse reproduzindo as atitudes de sua mãe para lidar com a perda. Margarida, que nunca havia pensado se era ou não feliz, experimenta uma sensação de leveza pela primeira vez e, não por acaso, deixa-se cair na cama em que foi gerada, na cama daqueles que a deixaram.

Conclusão

O objetivo geral deste trabalho foi dissertar sobre a melancolia e sua historicidade, partindo para a compreensão do conceito na atualidade e das divergências com a depressão, tendo como base a visão psicanalítica de Sigmund Freud que surgiu em meados do século XX.

Ao longo dos séculos, o conhecimento em volta do conceito melancólico se sustentou nas concepções teóricas de Aristóteles e Hipócrates, teorias essas que tiveram uma enorme influência sobre o pensamento atual acerca da melancolia. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível perceber a relevância que carrega juntamente com sua complexidade, sendo uma condição psíquica carregada de singularidade, ou seja, que assume diferentes formas e efeitos em cada indivíduo.

Apesar de nomeada somente por volta do século IV a.C., a melancolia foi muito representada na literatura da Antiguidade, descrita em obras literárias e escritos religiosos, e continua sendo representada até os dias atuais. Clarice Lispector foi a autora escolhida para retratar esse sofrimento, suas histórias contêm diversos personagens com comportamento de autojulgamento, exposição das próprias fraquezas e uma perda de interesse no mundo externo.

Para exemplificar essa condição foi observado que Margarida, a protagonista do conto “Um dia a menos”, apresenta traços melancólicos, os quais provocam seu sofrimento psíquico demonstrado na repetição infinita de seus dias e em seu isolamento social. A experiência de estar no mundo da personagem é angustiante, já que a jovem mulher constantemente faz comentários pejorativos e indiferentes referente a si própria, se anulando perante o mundo externo em um ato de autodesprezo.

Referências

BAPTISTA, M.C.F. Melancolia, depressão e a dor de existir. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v. 10, n. 2, p. 21-30. 2014.

CÔRTEZ, C. A POTÊNCIA DO SILÊNCIO NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR: A NEGAÇÃO DA PALAVRA E O DRAMA DA ALTERIDADE. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 73-92. 2021.

FREUD, S. **Manuscrito G. Melancolia**. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.1. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. In: Neurose, psicose, perversão. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica. 2016.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In: Obras completas, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MENDES, E.D; VIANA, T.C; BARA, O. Melancolia e Depressão: Um Estudo Psicanalítico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 30, n.4, p. 423-431. 2014.

ROSSI, C. Arte e Psicanálise na construção do humano. **Cienc. Cult.**, v.61, n.2, p.25-27. 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TEIXEIRA, M.A.R. Melancolia e depressão: um resgate histórico e conceitual na psicanálise e na psiquiatria. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 4, n.1, p. 41-56. 2005.